



MIGUEL LARANJEIRO
Deputado do PS
laranjeiro@ps.parlamento.pt

O têxtil de futuro tem futuro e a sua morte em Portugal foi uma notícia demasiado precipitada, irreflectida e errada, para bem de milhares de portugueses e da nossa economia

O FUTURO DO SECTOR TÊXTIL

O TÊXTIL de futuro tem futuro. E esse futuro passa por Portugal e por regiões como o Ave e o Cávado. É nessa dimensão que se deve ler o que está inscrito no "Plano Estratégico para o Sector Têxtil e Vestuário Português 2007-2013", recentemente apresentado e promovido pela Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP). Com realismo, mas também com a ambição que é preciso ter nestes domínios, este plano elaborado pelo economista Daniel Bessa, e pelo director-geral da ATP, Paulo Vaz, pretende actualizar o anterior plano estratégico, tendo agora em conta o QREN e as vantagens, mas também os desafios, que este instrumento comunitário trará.

A presença do primeiro-ministro nesta apresentação tem a importância política de quem vê o sector do têxtil e do vestuário como fundamental para o crescimento da economia portuguesa e para a criação de emprego. Importa realçar que o sector tem sabido reagir de uma forma positiva, acomodando o desafio da globalização, da abertura de novos e mais desafiantes mercados. Um sector que emprega cerca de 180 mil pessoas de uma forma concentradamente regional, que tem um peso significativo na criação da riqueza nacional, que exporta 4,1 mil milhões de euros (2006), deve ser visto com uma atenção acrescida.

Perante as alterações globais que estavam em cima da mesa, duas opções eram possíveis para o têxtil nacional: desistir e desaparecer lentamente ou, como está a acontecer, lutar e reagir positivamente. Nos últimos anos, o sector soube olhar em frente e apostou na moda, na criação de marcas próprias, na qualificação dos recursos humanos, na inovação e na diversificação e diferenciação dos produtos, criando têxteis técnicos, mas também apostando na concentração e cooperação entre os diversos agentes, tornando-se num verdadeiro "cluster". Foi esta visão que permitiu ao sector percorrer novos caminhos, novos produtos e novos mercados de crescente importância.

Mas não é só a actividade do sector que está a mudar. A sua própria imagem exterior está a sofrer alterações. O mesmo já tinha acontecido com o sector do calçado, tornando Portugal num país de produção de alta qualidade no que diz respeito aos produtos tradicionais.

Para a melhoria da imagem interna e externa muito contribuíram, desde logo, a dinâmica empresarial, a capacidade de investigação e incorporação tecnológica, mas também todos os agentes públicos e privados que defendem fortemente o sector. O Governo e a Assembleia da República, com a criação do Grupo de Trabalho para o sector têxtil, deram um contributo positivo para a mudança dessa imagem.

O primeiro-ministro deixou uma forte marca política nesta apresentação. Deixando claro a importância histórica do sector na industrialização do país, não deixou de olhar em frente e ver o futuro que a indústria têxtil comporta. Tendo em conta o novo quadro comunitário e a importância dos seus recursos para a promoção do investimento no sector são várias as soluções que os industriais do sector têm pela frente.

O Governo fez bem em apoiar o plano estratégico do têxtil. O têxtil, vestuário e o calçado são sectores que têm muito a dar ao país. Embora com realismo, pois as certezas nestes domínios mudam com facilidade, devemos olhar para estes sectores com a esperança e a confiança que o Plano Estratégico nos apresenta. Este plano aponta também um caminho de partilha mais consolidada entre o Norte de Portugal e a Galiza, reforçando uma euro-região, o Noroeste Peninsular, que tem papel estratégico para os dois países.

O têxtil de futuro tem futuro e a sua morte em Portugal foi uma notícia demasiado precipitada, irreflectida e errada, para bem de milhares de portugueses e da nossa economia.